

Grassinete C. de Albuquerque Oliveira  
Silvia Armada Martins  
Angela B. Cavenaghi Themudo Lessa  
(Organizadoras)



**DIÁLOGOS  
CONTEMPORÂNEOS  
SOBRE EDUCAÇÃO**  
FORMAÇÃO DE FORMADORES  
EM CONTEXTOS DIVERSOS



Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.  
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia  
sem a autorização escrita da Editora.  
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.  
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo - SP)**

---

048d Oliveira, Grassinete Carioca de Albuquerque (org.).  
Diálogos contemporâneos sobre educação: formação de formadores em contextos diversos /  
Organizadoras: Grassinete Carioca de Albuquerque Oliveira, Sílvia Armada Martins e Angela  
Brambilla Cavenaghi Themudo Lessa; Prefácio de Adolfo Tanzi Neto.  
1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2021.  
figs.; tabs.; quadros; fotografias.

Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-65-5637-299-0.

1. Educação. 2. Formação de Professores. 3. Prática Pedagógica.  
I. Título. II. Assunto. III. Organizadoras

---

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Formação de professores – Estágios. 370.71
2. Didática - Métodos de ensino instrução e estudo– Pedagogia. 371.3
3. Linguagem, Línguas – Estudo e ensino. 418.007

## SUMÁRIO

PREFÁCIO	
DIÁLOGOS FORMADORES EM TEMPOS DE EXISTÊNCIA .....	7
Adolfo Tanzi Neto	
APRESENTAÇÃO .....	11
ENCONTROS REFLEXIVOS COMO ESPAÇOS DIALÓGICOS A SERVIÇO DA RE- FLEXÃO CRÍTICA E DA TRANSFORMAÇÃO .....	17
Silvia Armada Martins	
A PEDAGOGIA DELIBERATIVA COMO UMA FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES CRÍTICOS E DEMOCRÁTICOS .....	37
Leonardo N. Correa	
“NA HORA EM QUE JUNTA TUDO É QUE DÁ UM NÓ” .....	57
Glauco Augusto de Souza	
A AÇÃO CRÍTICO-COLABORATIVA EM ESPAÇOS DE FORMAÇÃO DE FORMA- DORES: (RE)VISITANDO CONCEITOS .....	73
Grassinete C. de Albuquerque Oliveira Angela B. C. Themudo Lessa	
A HORA DA BRINCADA (live) COMO UMA POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO FRENTE AO INÉDITO VIÁVEL .....	109
Ulysses C. C. Diegues Fernanda Coelho Liberali	
PROJETO BRINCADAS: RELATO DE UMA PRÁXIS DECOLONIAL PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA .....	125
Luciana K. Modesto-Sarra Bianca Sgai Franco Medeiros	

FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA INGLESA PARA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DIGITAL.....	139
Cristiane Oliveira Campos-Gonella	
Rubens Fernando de Souza Lopes	
“CADA AULA É UMA AULA DIFERENTE” O DESENVOLVIMENTO DA AGÊNCIA DE PROFESSORAS EM CONTEXTO DE AULAS REMOTAS .....	161
André Effgen de Aguiar	
Deise Viana Ferreira	
SABERES EM PERSPECTIVA FORMATIVA: NARRATIVA PEDAGÓGICA DO CÁRCERE.....	195
Idelvandre Vilas Boas S. Santos	
Jessika Gama Ribeiro	
FORMAÇÃO CRÍTICO-COLABORATIVA DE PROFESSORES: RELATO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO.....	209
Angela B. C. Themudo Lessa	
Grassinete C. de Albuquerque Oliveira	
Rosemeyre Moraes de Oliveira	
SOBRE OS(AS) AUTORES(AS).....	223

## PREFÁCIO

### DIÁLOGOS FORMADORES EM TEMPOS DE EXISTÊNCIA

Adolfo Tanzi Neto

*... agência profissional envolve os praticantes em tomar uma posição e serem capazes de influenciar seu trabalho e identidade profissional, e discutirem isso como um fenômeno que pode ser 'Praticado' (EDWARDS, 2015, p. 780)*

O mundo se curva diante de um dos vírus mais letais dos últimos cem anos, a Covid-19. Dentro de nossas casas, em confinamento, tratamento, distanciamento ou luto, educadores em seus agenciamentos profissionais encontram novos rumos para perpetuar o seu papel mais fundante, de formar futuros agentes de uma sociedade. Em tempos em que o espaço arquitetônico escolar (TANZI NETO, 2017) de processos de ensino-aprendizagem, interações, socializações e desenvolvimento foram proibidos mundialmente, educadores(as) se engajam com as novas demandas escolares num senso de “utopia real” (WRIGHT, 2009), dispostos a transformar a práxis pedagógica mundial.

Para muitos, pode parecer que estamos de “braços cruzados”, na verdade, engajamo-nos nas demandas incertas desse novo futuro e nos disponibilizamos a participar efetivo e responsavelmente dessa mudança. Em sintonia com Freire (2013) é na formação permanente e na reflexão crítica sobre a prática que mudaremos a nossa própria prática.

Nesse pensamento, esta obra, convida-nos a refletir sobre diferentes utopias reais de processos de formação de formadores nos mais diversos contextos para estabelecermos diálogos transformativos. A transformação baseada numa “utopia real” envolve prática e reflexão, “na crença de que o que é pragmaticamente possível não é imutável independentemente de nossa imaginação” (WRIGHT, 2009, p. 4).

Para Stetsenko (2017), em sua discussão da adaptação para a transformação, num mundo mais volátil, instável e imprevisível, com o crescimento vertiginoso da estratificação social e a disparidade escolar, somos automaticamente convidados a nos engajarmos com teorias e conceitos ativistas de transformação social, entendidos como uma construção dialética entre educandos e educadores (FREIRE, 2014), entre o social, o individual, o externo, o interno, o mundo, a mente e suas práticas comuns compartilhadas (STETSENKO, 2017).

No momento social, político e econômico que estamos vivendo, indagamo-nos sobre o papel social da escola e, como postulado na descrição deste livro “em sintonia com o pensamento freireano, a educação é um instrumento de poder capaz de mudar as pessoas, para que estas transformem o mundo”, uma vez que nossos jovens estão cada vez mais inseridos em diferentes contextos educacionais, em situações comunicativas diversas, nas mais diferentes práticas sociais, até que ponto eles transformam/reconfiguram esses seus espaços para a transformação social ou apenas replicam vozes, discursos, repertórios preestabelecidos, moldados por contextos sócio-histórico-culturais situados, já definidos pelas estruturas econômicas e sociais de classe, etnia, cultura, raça, dentre tantos outros?

Para Stetsenko (2017), o caminho estaria na busca de como podemos entender o nosso papel agentivo para escolhermos o “nosso caminho” e, ao mesmo tempo, compreender a constituição do nosso ser e a existência de forças e estruturas sociais que vão além de nós mesmos (STETSENKO, 2017, p. 4). De modo semelhante, para Liberali (2020, p. 66) agência é entendida como “rupturas de padrões preestabelecidos de ação nos papéis dos sujeitos de tomar iniciativas para transformá-los”.

Já, na esteira de uma arquitetônica social escolar e considerando o sujeito como potencialidade desse espaço, podemos concordar com o apresentado por Diaz (2010, p. 95) ao argumentar que “se considerarmos a relação pedagógica como um espaço simbólico de constituição, reprodução e transformação, o sujeito é uma potencialidade desse espaço”, ou seja, ele é constituído de trocas e de intenções dentro de uma arquitetônica específica de fala, de discursos, de controle, de poder, de semioses, de consciência, de internalizações que alteram o nosso discurso interno.

Nessa premissa, buscaríamos espaços escolares de práticas pedagógicas de posicionamentos sociais mais horizontais, de identidades e vozes coletivas de seus participantes, uma vez que formas e hábitos que cercam os nossos jovens nos contextos escolares os guiam, os instruem, os moldam (TANZI NETO, 2017).

Por esse viés, este livro tem por objetivo promover discussões sobre ações crítico-formativas (OLIVEIRA, 2020) que contribuem para a teoria-prática dos formadores e suscitar possibilidades de agência e colaboração crítica como medida de transformação permanente dos sujeitos envolvidos.

Importante destacar que, nesse campo, não podemos nos distanciar do entendimento de que agência, e, podemos focar na profissional, é atravessada dialeticamente por outras pessoas, práticas e culturas. Hedegaard (2012) argumenta que, se quisermos considerar seriamente a noção dialética de desenvolvimento humano vygotskyano, a mesma importância dada às práticas pedagógicas precisa, também, ser dada para os usuários dessa prática, que estão constantemente mediados por documentos educacionais oficiais, culturas escolares e pessoais que interpretam, negociam, resistem e agem. Edwards (2015), por sua vez, aponta que a agência acessa o “eu”, constituinte de desejos e intenções e alerta para não nos iludirmos ao discutirmos ou falarmos sobre agência profissional, uma vez que capturarmos as intenções e compromissos dos indivíduos é extremamente difícil.

Talvez aqui retomemos a nossa “utopia real” do que é “pragmaticamente possível, não é imutável” ou na proposição de hooks (2013) de que nós, educadores, devemos “ter o compromisso ativo com um

processo de autoatualização que promova nosso próprio bem-estar. Somente assim poderemos ensinar de modo a fortalecer e capacitar os alunos” (HOOKS, 2013, p. 28, ênfase adicionada), criando espaços mais coletivos para a partilha de conhecimento em uma pedagogia mais agentiva e engajada.

Com inúmeros afazeres no campo educacional, abrimos esse livro com nossas “utopias reais”, constituídas antes e durante os tempos pandêmicos, propondo ações-críticas formativas transformativas para o contexto escolar e para a autoatualização de nossas agências profissionais.

## REFERÊNCIAS

DÍAZ, M. Subject, power and pedagogic discourse. In: MORAIS, A. M.; NEVES, I.; DAVIES, B.; DANIELS, B. *Towards a sociology of pedagogy: the contribution of Basil Bernstein to research*. New York: Peter Lang, 2001. p. 83-98.

EDWARDS, A. Recognizing and realising teachers’ professional agency. *Teachers and Teaching: theory and practice*, 21, 6, 779-784. DOI: 10/1080/13540602.2015.1044333, 2015.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LIBERALI, F. C. Building Agency for Social. In: TANZI NETO, A.; LIBERALI, F.; DAFERMOS, M. *Revisiting Vygotsky for social change: bringing together theory and practice*. New York: Peter Lang, 2020. p. 63-86..

OLIVEIRA, G. C. de A. *Ações crítico-formativas – formação de formadores de Língua Portuguesa: formar para transformar os espaços formativos*. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

STETSENKO, A. *The transformative mind: expanding Vygotsky’s approach to development and education*. New York: Cambridge University Press, 2017.

TANZI NETO, A. *Arquitetônica social escolar: Vygotsky, Bakhtin e Bernstein. Espaços, discursos, artefatos e suas relações de poder e controle*. Campinas: Pontes Editores, 2017.

WRIGHT, R. O. *Envisioning real utopias*. London/New York: Verso, 2010.



## APRESENTAÇÃO

Esta obra apresenta um leque de capítulos que investigam e refletem sobre a Educação no contexto brasileiro que se mostra ainda muito fragilizado por falta de políticas que visem preparar professores para os mais diferentes cenários. O Brasil possui dimensões continentais e é marcado por abissais desigualdades sociogeográficas, culturais, econômicas e históricas. Pensar a Educação é então um trabalho hercúleo e desafiador frente a tamanha complexidade.

Todavia, complexidade não significa dificuldade. Significa termos que pensar de forma mais inter, trans e indisciplinar conforme assevera Moita Lopes (2003) quando discute o que significa fazer pesquisa em Linguística Aplicada na contemporaneidade. É necessário expandirmos os horizontes e pensar de maneira situada sócio, histórica e culturalmente para que possamos responder aos problemas *na e das* práticas sociais educacionais que afligem o homem na materialidade de sua existência.

Nesse sentido, este livro é inovador, pois desvela diversos olhares para a Educação com foco na formação de formadores que devem tomar decisões éticas e políticas relativas às suas práticas pedagógicas.

Os capítulos que se engendram neste livro são provocativos, pois, abandonam posições mais conservadoras em diferentes lócus de pesquisa, ousando deixar de lado epistemologias e metodologias tradicionais que podem e devem ser desconstruídas para respondam a desafios que se configuram em diferentes realidades. Almeja-se, portanto, construir novas formas de investigar e produzir conhecimentos que sejam mais interligados às necessidades e anseios de todos.

Armada, no capítulo 1, *Encontros Reflexivos como Espaços Dialógicos a Serviço da Reflexão Crítica e da Transformação* se propõe a discutir como construir espaços de colaboração que sejam pautados por conflitos e consensos. Tais espaços provocam deslocamentos dos indivíduos que desenvolvem uma escuta ativa, reavaliam os sentidos individualmente atribuídos aos dissensos e conseqüentemente, caminham para transformações de práticas. A autora avança na discussão realizada por Smyth (1992), Liberali (2008) e Magalhães (2006) sobre Sessões Reflexivas como um enquadre teórico-metodológico que provoca Reflexão Crítica. Com tal ponto de partida, a autora aponta que Encontros Reflexivos podem promover transformações em situações mais específicas como educação em um contexto, ainda pouco pesquisado, que é o empresarial.

No capítulo 2, *A Pedagogia deliberativa como um componente para a formação de professores críticos e democráticos*, Correa centra-se na importância de formar educadores que instiguem reflexões críticas que ponham em marcha decisões negociadas e participativas dentro de princípios éticos. A contribuição do capítulo se evidencia por estar ancorado no quadro filosófico e teórico-metodológico da pedagogia deliberativa que se mostra como um referencial de formação *sine qua non* neste momento de incertezas. A BNCC reconhece a importância de uma formação de alunos que desenvolva habilidades socioemocionais e éticas que requerem que os formadores, aqui entendidos como coordenadores e professores, sejam capacitados para desempenhar tal papel mediador. O referencial de pedagogia deliberativa se mostra um aporte fundamental se almejarmos a formação de cidadãos que reflitam colaborativamente sobre questões que se configuram como problemas a serem encaminhados e resolvidos não só no âmbito da educação escolar como também nas demais atividades sociais das quais fazemos parte. A proposta do autor configura-se, assim como um estímulo para aqueles formadores que queiram promover reflexões em vários âmbitos da vida que se vive, tais como no trato com colegas de trabalho, vizinhos e gestores de políticas públicas.

Souza, no capítulo 3, apoiado na Teoria da Complexidade, discute as reações à ferramenta avaliativa utilizada em um curso de aprimoramento

linguístico ministrado para professores de inglês da rede pública de São Paulo. Estes professores trabalham com seus alunos dentro de uma certa visão de ensino-aprendizagem e de língua, e se deparam neste curso de aprimoramento linguístico com outras formas de se abordar o ensino de inglês – bem como outras formas de se avaliar o progresso dos alunos no curso. Deste choque de paradigmas surgem opiniões que podem propiciar um rico momento de reflexão tanto para os professores-alunos quanto para o professor-pesquisador.

Ao compreenderem que a linguagem permeia as relações humanas nas mais diversas práticas sociais, o capítulo 4, com o título *A ação crítico-colaborativa em espaços de formação de formadores: (re)visitando conceitos*, Oliveira e Lessa, analisam como uma ação crítico-formativa desenvolvida por formadoras de língua portuguesa da Secretaria de Educação do Acre (SEE-AC) colaborou, de modo crítico-colaborativo, para a reconstrução de conceitos – gêneros discursivos e multiletramentos – que consideravam internalizados. Como resultado, a ação crítico-formativa evidenciou conflitos e tensões acerca dos conceitos apresentados, promoveu indícios de agência na busca de assimilarem os conceitos apresentados, revelou a constante necessidade de estar em contínua formação, além de reverem suas próprias práticas pedagógicas, enquanto formadoras.

Os capítulos 5 e 6, a partir do contexto pandêmico, apresentam discussões de um projeto de extensão intitulado *Brincadas*. No capítulo 5, Diegues e Liberali mostram em *A hora da brincada como uma possibilidade de formação frente ao inédito viável* atividades de webinars cujo objetivo, fundamentado na teoria vygotskyana, é produzir conhecimentos e possibilidades de transformações de práticas, chamada por Freire como inédito viável. O capítulo apresenta e discute uma série de webinars produzidas pelo grupo de participantes com relatos que ilustram como “brincar, compreender e discutir sobre assuntos impactantes no momento pandêmico” criou repertórios para professores, educadores repensarem suas práticas nos contextos escolares.

No capítulo 6, de Medeiros e Modesto-Sarra, intitulado *Projeto brincadas: relato de uma práxis decolonial para uma educação antirracista* temos uma proposta teórico-prática que discute como professores formadores, pais, pesquisadores e alunos podem se engajar em práticas educacionais que questionem e transformem o *status quo* e, neste caso, construam práticas antirracistas. As autoras apresentam uma atividade de contação de história que visa a desconstruir uma visão colonial da cultura e tradição africana resgatando o protagonismo negro na história da cultura brasileira, dando-lhe o devido valor que, via de regra, é usurpado e apagado. O capítulo é uma produção do projeto de extensão *Brincadas: o inédito-viável em tempos de crise* que tem trabalhado em tempo de pandemia com ações sociais que visem transformar os envolvidos.

O Capítulo 7 de Campos-Gonella e Souza Lopes, intitulado *Formação do professor de língua inglesa para produção de material didático digital*, fundamenta-se pela necessidade de distanciamento social imposto na pandemia, evidenciando a necessidade de formação para o trabalho com as novas tecnologias da informação e comunicação. A transposição das aulas e materiais didáticos para a modalidade remota envolveu a discussão referente a criação de materiais didáticos em uma plataforma digital. Mais especificamente, foram criadas Sequencias Didáticas pautadas em gêneros discursivos que se coadunam com a perspectiva de multiletramentos. Sem dúvida, o capítulo revela como a formação de professores nesta perspectiva possibilitou que os participantes caminhassem na direção de uma formação autônoma.

O capítulo 8, “*Cada aula é uma aula diferente*” – *O desenvolvimento da agência de professoras em contexto de aulas remotas*, de Effgen de Aguiar e Viana Ferreira, versa sobre as transformações provocadas pela pandemia do coronavírus nos processos de ensino-aprendizagem e a maneira pela qual esse fenômeno tem afetado os modos de viver e trabalhar dos professores da Educação Básica no Brasil, em especial, no contexto do ensino privado. O objetivo central do estudo é compreender de que forma o desenvolvimento de agência pelos professores em isolamento social tem afetado a organização das novas práticas de ensino remoto que emergiram na conjuntura atual. O fio condutor desta discussão situa-se nas

inter-relações produzidas entre os professores, a partir da linguagem, em um encontro de formação profissional ministrado através de plataforma virtual. A base teórico-metodológica que o orienta é a Pesquisa Crítica de Colaboração, PCCol, (MAGALHÃES, 2012). As análises realizadas estão subsidiadas nos estudos de linguagem de Liberali (2012, 2013) e nos estudos de agência de Edwards (2007, 2011), Engeström (2007, 2011), Stetsenko (2017), Ninin e Magalhães (2017) e Liberali (2017). Os resultados apontam para uma complexa realidade que se configurou na necessidade de aceitação do difícil contexto pandêmico, para então, assumir uma postura crítica frente à realidade imperativa da força de trabalho que encontra suporte nos processos agentivos da comunidade escolar.

Os capítulos que fecham esta obra discutem a formação de formadores em contextos de privação de liberdade de mulheres. Santos e Ribeiro, no capítulo 9 – *Saberes em perspectiva formativa: narrativa pedagógica do cárcere* – analisam uma narrativa pedagógica que partiu de uma situação de ensino-aprendizagem no cárcere, cuja professora-autora ministrava uma formação continuada para professores em serviço. Sua produção escrita desencadeou reflexões sobre seu fazer pedagógico na relação com as estudantes em privação de liberdade, enriquecendo sua própria formação e a formação de outros professores no tocante ao trabalho com linguagens.

No capítulo 10 – *Formação crítico-colaborativa de professores: o Relato de um projeto de Extensão* – as autoras, que também discutem a formação de professores formadores no contexto de privação de liberdade, apresentam um trabalho que inicialmente objetivou desenvolver práticas de leitura e escrita que possibilitassem a remição de pena das detentas. Contudo, o escopo do projeto foi ampliado estabelecendo como novo objetivo incentivar a construção da cidadania das participantes não somente em uma perspectiva legal, mas também como desejável para as participantes. Tal inflexão metodológica apontou que os professores precisavam repensar suas práticas e colaborativamente se autoformarem para alcançarem os objetivos almejados.

Concluindo, este livro é leitura fundamental para todos os formadores que percebam a necessidade de transformações da prática informadas por referenciais teóricos sólidos. Esperamos que as pesquisas aqui apresentadas, longe de se constituírem como exemplos a serem seguidos apresentem-se como instigadoras de novas reflexões. Vale lembrar que cada caminho que traçamos será único, situado e sócio, histórica e culturalmente engendrado.

Boa leitura e muitas reflexões para nossos leitores!

Angela Lessa